

**O ADOECER NA CONTEMPORANEIDADE:
O PADECIMENTO DO INDIVÍDUO EM FACE DE SUA MITIFICAÇÃO**
| ALIRIO DANTAS JR.¹

RESUMO

O autor busca refletir sobre o impacto da modernidade no modo de vida contemporâneo e, em particular, no sofrimento humano. Ele propõe que o mundo dominado pela virtualidade da imagem não favorece a construção e fortalecimento da subjetividade, espaço onde ocorre aquilo que é específico à experiência humana. Como resultado, vivemos uma época dominada pelo espetáculo, pelo excessivo pragmatismo e imediatismo, e por um sufocamento do indivíduo. Finalmente, o autor propõe que nossa cultura contemporânea fragiliza as pessoas e torna todos mais vulneráveis ao sofrimento e ao adoecer.

Palavras-chave: psicanálise, contemporaneidade, subjetividade, sofrimento humano.

ABSTRACT

The author aims to reflect on the impact of the modernity in the way of life in contemporary society and, in particular, on the human suffering. He suggests that a world ruled by the virtual image does not favour the building and strengthening of subjectivity, a space where something very specific occurs to human experience. As a result, the era we live in is characterized by the spectacle, by the excessive pragmatism and immediate, and by a suffocation of the individual. Finally, the author suggests that our contemporary culture weakens the individual and makes everyone more vulnerable to suffering and sickness.

Keywords: contemporary, subjectivity, human suffering.

¹ Membro titular da Sociedade Psicanalítica do Recife - SPR

“Este implacável anseio por um inatingível ideal de felicidade – ‘a doença do ideal’- é a base das mais exaltadas realizações e das mais degradantes formas de loucura humana.”

Christopher Lasch (1992)

“Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo.”

Fernando Pessoa, Poema em linha reta, poesias
de Álvaro de Campos

Um dos debates mais importantes que nos desafia atualmente refere-se às transformações culturais decorrentes do mundo globalizado, e as formas como estas transformações influenciam a mente individual e a interação deste indivíduo na sua cultura. Como esta ‘cultura globalizada’ é fortemente marcada, e em larga medida determinada pela ação da mídia, podemos acreditar que vivemos sob a influência de uma cultura mediática. Entendida a mídia como o processo de comunicação em massa, ou de comunicação social em seu conjunto. Como qualquer sistema social, o sistema midiático parte de uma disposição para articular-se como estrutura organizada (Dines, A., 2000). O interesse público foi atravessado pelo interesse do público. O *pathos* da tragédia foi pulverizado pela bisbilhotice e pela banalidade.

Disto filtra-se um conceito: o sistema não busca a individuação, ao contrário, finge que existem identidades para atingir o seu objetivo em direção contrária – a homogeneização e o nivelamento. O indivíduo serve apenas para compor um dígito nos índices de audiência. Suas vontades ou opiniões só contam quando consegue expressá-las no próprio circuito mediático, sem desafinar da entonação coletiva, imperiosamente aquém da sua. Fica literalmente esmagado e emasculado pela contradição das mensagens.

‘Cultura’ é uma expressão cuja definição traz alguma complexidade. Entretanto eu gosto da definição precisa do Prof. Herskovits (1973) para quem cultura é o modo

de vida de um povo, incluindo-se, portanto os seus valores subjetivos. Sociedade, todavia, não engloba necessariamente tais valores; a sua definição não implica numa subjetividade. As formigas possuem uma organização social muito avançada, mais até que a dos homens em alguns aspectos. Mas as formigas não formam, nem vivem numa cultura. A organização de uma sociedade humana precisa ser capaz de assegurar uma quota suficiente de satisfação das demandas de seus membros. Esta satisfação precisa estar contida dentro dos limites de suas normas culturais. No campo da cultura, quando suas normas não se mostram capazes de assegurar uma quota de satisfação aos seus indivíduos, os valores ideais deste agrupamento tornam-se insuficientes para preservar a união deste grupo – união que ocorre por via das identificações – e termina por impelir a todos a buscar satisfação por seus próprios meios. Sem estes vínculos identificatórios, o grupo retrocederia às formas mais narcísicas de funcionamento. Hobbes (XVII), o primeiro dos grandes filósofos materialistas, estabeleceu os elementos estruturadores do que chamou “contrato social”. Como em seu estado natural o homem se colocaria em guerra de todos contra todos, este estado natural seria insustentável. A saída desta situação desesperadora seria o estabelecimento de um “contrato social” onde cada pessoa abriria mão de uma parte de suas demandas individuais, em favor das demandas coletivas onde a satisfação seria conquistada dentro de limites aceitáveis. Neste “contrato”, se criariam instituições mantenedoras deste pacto.

O HOMEM MODERNO

Desde sempre, as novas formas de organização das sociedades tendem a reivindicar um caráter revolucionário, capaz de desconstruir todos os saberes e modificar todas as estruturas. Estão sempre associadas a inovações científicas e tecnológicas e nutrem seu aspecto mítico por meio de uma aura de progresso. Estes movimentos inclinam-se a assumir um papel totalitário, sob o manto de

² Esta foi a visão dominante na antropologia entre o fim do século XIX e o início do século XX. O evolucionismo, exemplificado pelo “O Ramo de dourado” de Frazer (da Matta, 1981). Esta visão, com efeito, acolhia a ideologia totalitária do imperialismo inglês, fundamentando a dominação pela perspectiva etnocêntrica que lhes atribuía o progresso e a modernidade, que viria a ser o destino evolutivo de todas as culturas.

uma ideologia que se impõe a todos como expressão do futuro e do moderno, o destino natural da evolução².

Na 'era da globalização' a experiência humana parece estar marcada pela velocidade e pela superficialidade das relações. A experiência emocional não precisaria ser duradoura ou marcante, mas deveria ser o mais concreta e 'real' possível, devendo ser preferencialmente sensorial e não formulada por meio de construções abstratas. Disto, eu acredito, decorra o amplo domínio da imagem sobre o pensamento.

A imagem que domina esta era contemporânea parece marcada por duas características inebriantes que seriam a superficialidade e o simulacro. Jameson (1984) caracteriza a pós-modernidade como possuindo uma marca fundamental no predomínio da superficialidade. Por seu lado, Baudrillard (1991) chama a atenção para o papel do simulacro, uma imagem hiper-real que não possui qualquer referente senão a si mesmo. Estas duas características falam na direção de uma fragilização das relações dinâmicas dentro do indivíduo, entre seu self e seus Ideais, que perdem parte da função de sustentar os processos identificatórios, em favor de tornarem-se instrumentos imediatos de obtenção de prazer. Estes Ideais perdem consistência e profundidade, e tornam-se mais transitórios e imperativos. De um lado, a distância entre estes Ideais e a realidade é encurtada, tornando o Ideal que sustenta a identidade numa meta que pretende-se possível e necessária ser alcançada pelo indivíduo. De outro lado, acentua-se a distância entre duas realidades do indivíduo, aquela que ele vive de fato, e aquela que lhe é oferecida pela imagem, pelo seu simulacro.

Na definição de Baudrillard (1983, 1991) este domínio da imagem produz a construção de uma 'hiper-realidade', conceito que define uma forma de apresentação e percepção da imagem caracterizada como um simulacro, estando esta imagem inteiramente dissociada de seus referentes, dissociando-se de qualquer realidade. Neste domínio, a própria subjetividade se esvanece. Esta nova forma de relações humanas deveria instaurar um estado de plena satisfação e um completo desenvolvimento das potencialidades do indivíduo. Certamente um tal estado de coisas somente pode ser pensado no campo virtual, um território que

não reconhece os limites da castração. O campo do virtual é próprio da imagem e somente nele seria possível suprimir as limitações impostas pela realidade. O ser humano resiste à perda de sua onipotência porque isto o força a reconhecer sua pequenez e resignar-se à morte. No domínio virtual da imagem, contudo, investe-se na tentativa de fazer com que o self ocupe o lugar do 'Ideal do ego', no esforço de romper os limites impostos pela castração.

Eu estou certo que a hipótese da existência de um 'novo homem' fruto da pós-modernidade e da globalização desperte um certo fascínio. Mas, eu creio que este moderno infeliz contenta-se com uma ilusão que prometendo-lhe todas as realizações torna-o único responsável por todas as suas frustrações. Para alcançar a plenitude o pobre diabo deveria atender, uma após outra, incontáveis exigências impostas ao self como solução onipotente de todas as suas fantasias. É difícil resistir a convite tão generoso; mas é impossível alcançar todas as intermináveis qualificações que abririam as portas do paraíso.

Anselm Jappe escreveu que "... o espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real".

O que viemos descrevendo até agora pode ser expresso numa frase concisa: na medida em que a imagem foi se tornando autônoma, o sujeito foi se tornando caudatário da substância desta imagem. Ao cabo ele necessita dela e exige sua presença para sobreviver, criando-se um círculo maligno que evoca a descrição kleiniana das relações esquizoparanóides. O sujeito com quem o psicanalista vinha habitualmente lidando se reconhecia justamente nesta diferença com o outro e a auto-representação que ia construindo decorria da solução – muitas vezes sintomática, como nos ensinou Freud – dos conflitos intra e inter-subjetivos com os quais se deparava. Já a auto-representação que estamos descrevendo e que tende agora a surgir em nossos consultórios é apenas realização-de-imagem. Em outras palavras, esta representação virtual ou hiper-real não busca encontrar uma solução para o conflito e a angústia, antes ela busca subtraí-los do psiquismo. Como resultado, aquilo que de fato se subtrai é a própria vida mental, substituída

por uma vida pragmática, voltada para a concretude da realidade.

Esta descrição nos aproxima do conceito de fetiche embora caiba assinalar a diferença com o modelo clássico proposto por Freud. Clinicamente o fetiche é a solução encontrada pelo sujeito ante uma experiência conflitiva que o obriga a aceitar e recusar uma mesma evidência; o feticista não confunde um objeto com outro embora utilize um pelo outro. Já a sexualidade derivada da imagem utiliza elementos ficcionais pré-construídos. Nesta situação o sujeito não constrói uma solução – como ocorre na experiência clínica – mas simplesmente consome um produto.

Ao contrário desta lógica, a psicanálise apreende o funcionamento psíquico como uma atividade contínua, voltada para a integração da diversidade e a instrumentação da fragmentação, trabalho que humaniza o tempo, ao conferir-lhe sentido histórico e um amplo conjunto de significados emocionais. É justamente este sentido histórico e estes significados emocionais que a tirania da imagem precisa solapar para criar e manter seu “reino de economia autônoma”. E para preservar a crença num estado de satisfação tão pleno quanto constante, que dependesse apenas do próprio indivíduo.

Aquilo que é inerente à vida, por exemplo, a possibilidade que ela tem de esvair-se em pobreza ou em fragmentação é apresentado pelo espetáculo como imperfeição e apontado como defeito – e não como elemento estrutural da existência. Em contrapartida a esta “falha”, o espetáculo oferece alternativamente uma representação de completude, uma vida sem frestas onde não cabe a experiência da incompreensão: é o espetáculo que transforma o tempo do sujeito em perpétuo presente “explicado”.

NARCISISMO E ONIPOTÊNCIA: O TRAUMA E O IDEAL DO EGO

Desde o início dos tempos a cultura engendra uma recorrente e ineficaz batalha para abolir presença do sofrimento psíquico. O homem nasce sob o signo do desamparo que assume a forma de angústia. Eu acredito que este desamparo e esta angústia resultem de sua fragilidade frente às suas fontes internas de investimento.

Freud estabeleceu uma revolucionária perspectiva sobre a existência da sexualidade infantil. Seu caráter inovador era o de sustentar que esta sexualidade não dependia da estimulação proveniente de fora (normalmente aportada por um adulto), nem se expressava como atividade genital reconhecível. Completamente desvinculada da atividade genital, polimorfa em seus investimentos e totalmente independente dos estímulos oferecidos por seus objetos, a sexualidade infantil não é resultado de uma invasão externa sobre o infante, mas resulta de uma invasão interna, sob a forma de estímulos catexizados – carregados de desejo – que invadem o self e fazem uma exigência de trabalho.

A pulsão sexual possui características muito peculiares para uma concepção do funcionamento psíquico (Dantas Jr, 1988, 1997 e 1998). As vicissitudes da libido estão mais relacionadas com sua capacidade de produzir tensão intrapsíquica, do que estariam associadas às suas experiências de prazer. Penso que seja indispensável acentuar a natureza conflitiva e angustiante do investimento pulsional. A pulsão é uma causa sem destino, estando mais próxima de ser uma força perturbadora que invade o self exigindo uma ação, sem considerar suas circunstâncias. A excitação do desejo sexual provoca uma tensão geradora de ‘desequilíbrio’ que pode se constituir em fonte primária de angústia.

A maturidade tão pouco poupará o homem de sua sina. A percepção da distinção anatômica entre os sexos, que seria o prenúncio auspicioso do prazer genital, não conduz à genitalização, mas conduz antes à castração (Dantas Jr., 1988). Antes de mais nada, este destino funesto da pulsão e do desejo são, para mim, o protótipo do surgimento da angústia e do trauma psíquico.

O HOMEM ‘GLOBALIZADO’ E O IDEAL DO EGO

Em sua *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud (1921) considerou que, ao nascermos, nós damos o primeiro passo de um narcisismo absolutamente autossuficiente para a percepção de um mundo cambiante, que nos conduz aos primórdios da descoberta dos objetos.

Herdeira do narcisismo primário, a identificação constitui, segundo Freud (1921), a mais remota expressão de uma ligação emocional. Ela substitui o projeto narcísico,

abandonado em razão do seu fracasso, e articula a organização primitiva do Édipo. O esforço em direção ao prazer ganha nova complexidade. A frustração sentida pela criança encontra no objeto do desejo materno a ruína de sua onipotência e lhe impõe a presença de uma dupla austeridade. Ela reconhece a desfusão com seu objeto, ao mesmo tempo em que descobre a presença de um terceiro que incorpora a onipotência que acabara de perder. A criança atribui a este 'Ego Ideal' todas as qualidades capazes de compor um self onipotente, apto a usufruir todos os prazeres que lhe são negados. Confere-lhe uma qualidade mítica, o 'phallus', signo do desejo de sua mãe (e de todos os objetos em que ela se desdobra), capaz de garantir um estado permanente de satisfação.

O projeto identificatório deve permitir que as qualidades necessárias à obtenção do prazer, presentes neste ser mitológico, sejam incorporadas ao ego, tornando-se o seu 'Ideal do ego'. O 'Ideal do ego' aparece como substituto da perfeição narcísica primária (Freud, 1914). Mas trata-se de um substituto separado do ego por uma ruptura que o homem procurará abolir. Para Chasseguet-Smirgel (1992), o homem é um animal doente a procura de um tempo perdido. Ser homem é conviver com a nostalgia de sua perfeição arcaica, um tempo onde ele era, ele mesmo, o seu próprio ideal.

O mundo moderno, dominado pela virtualidade da imagem, tenta tornar viável o impossível. Assim como o simulacro da hiper-realidade torna a imagem seu próprio referente, eliminando a distância entre real e virtual, ele estimula esta regressão narcísica na medida em que promete uma equivalência entre o real e o ideal, e a constitui numa promessa de satisfação plena, de supressão da falta. Vivemos um implacável anseio por um ideal inatingível de felicidade – a "doença do ideal" – que se torna a base das mais exaltadas realizações e das mais degradantes formas de loucura humana (Lasch, 1992). Neste mundo não há lugar para nada que seja diferente do idealizado.

Contudo esta é uma armadilha muito perigosa porque não há, na espécie humana, plenitude fálica possível; nem qualquer equivalência ao ideal. Tornar o 'Ideal do Ego' mais próximo e verossímil tornará maiores as exigências impostas ao ego. A frustração inevitável cuidará de lhe impor mais predicados na tentativa desesperada de alcançar um estado de onipotência, tornando progressivamente

maior a distância que separa o ego do seu 'Ideal'. A psicanálise sabe, desde há muito, que um tal investimento tornará este 'homem moderno' mais suscetível de adoecer.

Uma das características da 'Sociedade do Espetáculo' como a definiu Guy Debord (1987), é que o espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real (Anselm Jappe).

O 'Ideal do ego' não é uma instância psíquica realizável, mas uma nostálgica herança dessa onipotência perdida. Tolerar a castração fálica é imprescindível para assegurar ao ego a sua eficácia.

O SUJEITO HUMANO E A CRISE DE VALORES SOCIAIS

Viver tem a ver com uma inquieta insatisfação que nos faz investir em novas ligações e a construir novos significados para a experiência emocional. Embora esta inquietação seja fonte de muita dor, é sobretudo a fonte de muito prazer e de todo desejo. O desejo humano é determinado pela criança mágica e impotente que habita em todos nós. A herança legada por Freud nos ensina que a mente primitiva é, no sentido mais pleno desse termo, imperecível (Freud, 1915).

Eu acredito que este 'novo homem' navega um projeto de ilusão que já lhe custa um preço altíssimo, em razão de suas exigências e de seus insucessos. Há muitos anos Freud (1915, 1927 e 1929) já advertira para o destino funesto das ilusões proporcionadas pela civilização. Em seu artigo sobre as "Reflexões para os tempos de guerra e morte" ele lembra que nós acolhemos as ilusões porque ela nos poupam sentimentos desagradáveis e nos permite em troca gozar de satisfações. "Portanto, não devemos reclamar se, repetidas vezes, essas ilusões entrarem em choque com alguma parcela da realidade e se despedaçarem contra ela." (Freud, 1915, pg. 317).

O que parece ser relevante para uma reflexão crítica sobre este momento histórico parece ser o caráter intrínseco da experiência humana. Não importa o quanto venha a ser oferecido em termos de acesso à plena realização das demandas, isto

não altera a natureza expectante e angustiada do desejo. Na medida em que a cultura prometa-lhe uma felicidade contínua, a frustração decorrente do destino da pulsão pesa sobre nosso contemporâneo como um fardo pessoal. Quanto mais próximo o homem pareça estar de ser igual ao seu 'Ideal do ego', mais intensamente ele sentirá a distância entre eles.

Eu creio que reforçar as exigências ideais, sobretudo quando baseadas em simulacros, esteja muito distante de constituir bases para o nascimento de um ser humano mais saudável e mais apto a buscar a sua satisfação. Aquilo que chamamos de felicidade resulta de uma satisfação súbita, e não seria possível de ser experimentada senão de forma episódica (Freud, 1930).

A crise dos valores e dos laços sociais a que vivemos é, sem nenhuma dúvida, um desafio gigantesco para esta geração. Premido entre a força mitológica de suas fontes pulsionais e uma realidade virtual que empobrece a eficácia do seu 'ego', nosso contemporâneo equilibra-se entre o seu sofrimento e a perda dos seus ideais. Duplo plano que coloca em questão um dos principais problemas das sociedades e dos homens: o problema das ideologias.

REFERÊNCIAS

- Abreu, P. B.; Bolognsei, G.; Rocha, N. (2000). Prevenção e tratamento de efeitos adversos de antipsicóticos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 22 – suplemento 1.
- Ahumada, J. (1997). *El rol del psicoanalista en la era de la imagen: problemáticas e desafios*. APDEBA.
- Bataille, G. (1957). *O erotismo*. Editora L e PM, 1987.
- Baudrillard, J. (1983). *As estratégias fatais*. Editora Rocco, 1996.
- _____. (1991). *Simulacros e simulação*. Editora. Relógio D'Água, Lisboa.
- Brasil, M. A., (1999). Comunicação pessoal feita durante palestra no *Congresso Brasileiro de Psicanálise*, Rio de Janeiro, 1999.
- Costa, J. F., (1984). *Violência e psicanálise*. Graal.
- Da Matta, R., (1981). *Relativizando: uma introdução à antropologia cultural*. Editora Vozes.
- Dantas Jr., A. (1988). Freud: a ordem do sexual em psicanálise. In: *A presença de Freud*, Imago Editora, 1988.

- _____. (1997). O Édipo: uma metáfora sobre o desejo, a interdição e o trauma”, *Rev. de Psicanál. Soc. Psicanal.* Porto Alegre, 1997.
- _____. (1998). A influência do narcisismo no amor erótico. *Rev. Brasileira de Psican.*, v. 32, 1998.
- Eizirick, C. (1997). Psychoanalysis today: challenges in culture. *Intern. Journ. Internet site*, discussion papers.
- Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Obras psicológicas completas, v. VII, Imago.
- _____. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Obras psicológicas completas, v. XIV, Imago.
- _____. (1915). *O inconsciente*. Obras psicológicas completas, v. XIV, Imago.
- _____. (1915). *A repressão*. Obras psicológicas completas, v. XIV, Imago.
- _____. (1915). *Os instintos e suas vicissitudes*. Obras psicológicas completas, v. XIV, Imago.
- _____. (1915) *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Obras psicológicas completas, v. XIV, Imago.
- _____. (1921). *Psicologia de grupo e análise do Ego*. Obras psicológicas completas, v. XVIII, Imago.
- _____. (1926) *Inibição, sintoma e ansiedade*. Obras psicológicas completas, v. XX, Imago.
- _____. (1927). *O futuro de uma ilusão*. Obras psicológicas completas, v. XXI, Imago.
- _____. ([1929]1930). *O mal-estar na civilização*. Obras psicológicas completas, v. XXI, Imago.
- _____. (1933[1932]). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Obras psicológicas completas, v. XXII, Imago.

- Green, A. (1983). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Editora Escuta, 1988(1983).
- _____. (1986). *Pulsion de mort, narcissism negatif, fonction desobjectalizante*. In: *Pulsion de Mort*, P.U.F..
- _____. (1993). *Le travail du negative*. Editions du Minuit.
- Green, A.; Kernberg, O. (2000). *L'avenir d'une désillusion*. PUF.
- Horkheimer, M. (1968). *Teoria tradicional e teoria crítica*. Editora Nova Cultural, 1991.
- Jorge, M. R., (1999). Comunicação pessoal feita durante palestra no *Congresso Brasileiro de Psicanálise*, Rio de Janeiro, 1999.
- Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (1992). *Vocabulário de psicanálise*. Editora Martins Fontes.
- Lasch, C., (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lasch, C., (1992). In: Chasseguet-Smirgel, J., (1992). *O ideal do ego* (prefácio), Porto Alegre: Artes Médicas.
- McDougall, J. (1978). *Plaidoyer pour une certaine anormalité*. Editions Gallimard.
- _____. (1982). The Narcissistic Economy and its Relation To Primitive Sexuality. *Contemporary Psychoanalysis*, v. 18, n. 3.
- _____. (1987). *Conferências brasileiras*. Editora Xenon.
- Oliveira, I. R. (2000). Antipsicóticos atípicos: farmacologia e uso clínico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 22 – suplemento 1.
- Rocha Barros, E. (1999). *A contemporaneidade em crise! De qual crise estamos falando*. ALTER, v. XVIII – n. 1.
- _____. (2000). Freud e a cultura ou em busca de uma certa racionalidade. *Revista de Psicanálise*, v. VII – n. 1.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1992) *O ideal do ego*. Editora Artes Médicas.
- Vico, G. (1744[1999]). *A ciência nova*. Editora Record.